

# Arquitetura contemporânea em Pequim: depois do futurismo o regresso à autenticidade

Maria José de Freitas

Arquiteta, CEO AETECNET  
Presidente ICOMOS-ISCSBH  
Doutorada em Patrimónios pela Universidade de Coimbra  
Asian Academy Heritage Management  
mjf@aetecnet.com  
www.aetecnet.com

## RESUMO

Para abordar a questão da arquitetura na China e a sua configuração espacial vou falar da arquitetura de um modo geral no grande continente chinês, pois atualmente a análise deve ser feita numa escala multidimensional tal é a amplitude da comunicação, continuidade e interface que a percorre. Este ensaio argumenta que em resultado as trocas de informações, e sinergias criadas, os novos objetos arquitetónicos são visíveis um pouco por todo o país onde diversas experiências

se sucedem, multiplicam, cruzam e potenciam. Os anos recentes da produção arquitetónica na China, designadamente em Pequim, foram permeáveis a influências ocidentais na era da globalização. Contudo, ultimamente, tem-se assistido a uma mudança que encontra na autenticidade a sua principal motivação.

## PALAVRAS-CHAVE

arquitetura contemporânea, Beijing, *weird-architecture*, autenticidade, *sense-of-place*

## 1. A História

O recente *boom* arquitetónico da abertura da China a influências estrangeiras terá surgido depois da revolução cultural, designadamente a partir de 1978 com a abertura introduzida por Deng Xiaoping. No entanto, importa ir mais atrás na história para permitir uma perceção mais abrangente do tema em causa.

Na verdade, depois das Guerras do Ópio ocorridas no século XIX entre 1839-1842 (1.ª Guerra do Ópio) e 1856-1860 (2.ª Guerra do Ópio), a China começou a “franquear” o seu estilo tradicional à arquitetura de influência europeia, sem esquecer que essa influência terá sido iniciada mais cedo em Macau, onde os portugueses aportaram nos meados de século XVI, mas que, excetuando a região envolvente, pouca expressão teve no grande continente chinês.

É assim natural que, a partir do século XIX, após a abertura dos principais portos chineses ao comércio internacional, outras influências ocidentais se tenham feito sentir, designadamente no campo da arquitetura civil e religiosa, e também

do ponto de vista do traçado urbano, sendo ainda hoje visíveis muitas situações decorrentes dessa situação.

Em Pequim, Shanghai, Tianjin, Qingdao, Harbin e Wuhan entre outras cidades portuárias com extensas áreas concessionadas, encontram-se muitos exemplos arquitetónicos e conjuntos urbanos perfeitamente integrados no contexto atual e fazendo eco dessa relação.



Figura 1 – Imagens Xintiandi em Shanghai.

Fonte: <https://www.chinadiscovery.com/>

Na generalidade, os edifícios construídos nessa ocasião caracterizam-se por um estilo neoclássico colonial, e hoje subsistem em artérias comerciais muito frequentadas, como por exemplo a celebre zona Xitiandi em Shanghai, onde também se podem encontrar intervenções mais contemporâneas.

Por experiência própria trabalhei no projeto de renovação do distrito histórico de Hankou, em Wuhan, onde se situavam as antigas feitorias coloniais. O projeto encontra-se atualmente suspenso na sequência da epidemia que nos afetou mundialmente.



Figura 2 – Zona das antigas feitorias coloniais em Hankou, Wuhan.

Fonte: arquivo pessoal

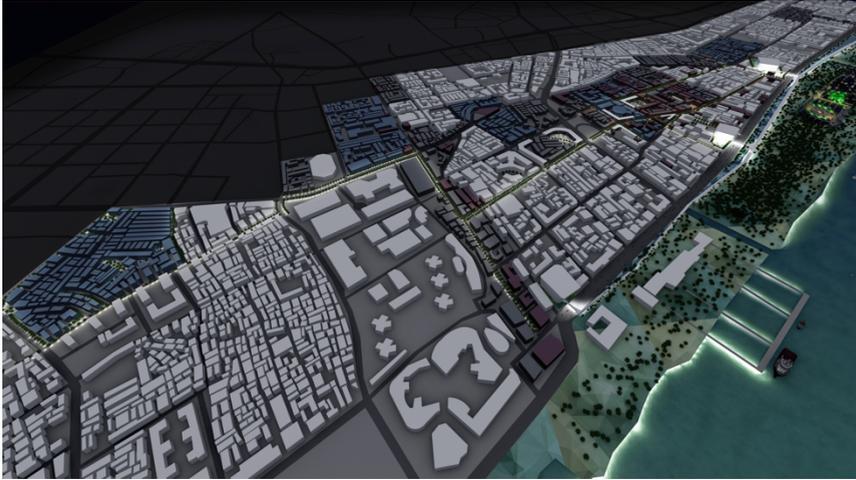


Figura 3 – Vista noturna da proposta de renovação da zona de Hankou, Wuhan (2020).

Fonte: arquivo pessoal

## 2. A arquitetura da RPC

Com o estabelecimento da República Popular da China, em 1949, muitos desses estilos foram refreados e os edifícios passaram a ter uma aparência mais parca, desprovida de ornamentação e configurando uma arquitetura pesada e sólida, mimetizando o estilo soviético. Cito como exemplo os *Big Ten Buildings* edificados em 1959 para comemorar o décimo aniversário da fundação da RPC.

Estas grandes estruturas, com cobertura em telha, pretendiam combinar a arquitetura tradicional chinesa, com a arquitetura *stalinista*, incluindo uma visão mais contemporânea.



Figura 4 – The Great Hall of the People, Pequim – Um dos *Big Ten Buildings*

Fonte: Creative Commons



Figura 5 – Cultural Palace of Nationalities, Pequim – Um dos *Big Ten Buildings*  
Fonte: Creative Commons

### 3. A abertura

A partir de 1980 surgiu uma nova postura que se traduziu na abertura da China a uma arquitetura mais ocidentalizada, porventura impulsionada pela realização do Jogos Olímpicos de Pequim, concretizados nesse ano.

Por essa altura, e à medida que a China se abria para o mundo, começaram a surgir novos estilos arquitetónicos que combinavam elementos mais antigos, com novos elementos mais futurísticos.

Embora tenha permanecida a prática da arquitetura tradicional adaptada aos novos tempos, projetaram-se edifícios e arranha-céus de estilo industrial com a rápida modernização ocorrida.

Em tempos de globalização, a arquitetura desenvolveu-se em articulação com as várias culturas em presença. Muitos dos produtos arquitetónicos chineses de hoje são uma combinação de tradição e modernidade.

Ícones referenciáveis incluem edifícios como o Edifício Jin Mao e a Oriental Pearl Tower em Shanghai, ou o Grande Teatro Nacional e o Estádio Nacional, também conhecido como Ninho de Pássaro, em Pequim.

Alguns desses edifícios geraram uma controvérsia razoável entre a população chinesa. Contudo, o seu status como peças arquitetónicas únicas está bem documentado.

Por essa altura era comum ouvir dizer entre arquitetos de nomeada que a China era o local certo para estar pois dava grandes oportunidades. Keith B. Richburg, citado pelo Washington Post (2010-12-14), chegou a dizer que a China dava oportunidade aos arquitetos estrangeiros de mostrar as suas aptidões, experimentar novos e apelativos designs, usando tecnologias verdes com eficiência energética de ponta.

Junto exemplos de arquitetura em Pequim, produzidos entre 2007 e 2009, da autoria de Paul Andreau, Herzog&deMeuron, Rem Koolhaas e Steven Holl.



Figura 6 – National Grand Theatre. Arquiteto Paul Andreu, 2007, Pequim.

Fonte: <https://www.dezeen.com/2007/09/30/national-grand-theatre-in-beijing-by-paul-andreu/>



Figura 7 – Beijing National Stadium, Birds Nest. Arquitetos Herzog & de Meuron, 2008. Pequim

Fonte: Creative Commons.



Figura 8 – CCTV Tower. Arquiteto Rem Koolhaas, atelier OMA, 2008. Pequim.  
 Fonte: <https://www.dezeen.com/2014/11/26/rem-koolhaas-defends-cctv-building-beijing-china-architecture/>



Figura 9 – Apartamentos de Uso Misto. Steven Holl Architects, 2009. Pequim.  
 Fonte: <https://www.archdaily.com/34302/linked-hybrid-steven-holl-architects>

## 4. Weird Architecture

Contudo Pequim não tem um *skyline* como Shanghai, Hong Kong, ou mesmo New York, e a arquitetura contemporânea praticada está dispersa pela cidade de forma aleatória, não constituindo por isso um marco referenciável, antes contrastando com situações urbanas mais tradicionais onde os enquadramentos são discutíveis. Por essas e outras razões mais ligadas à sociedade chinesa e aos seus costumes, não tem sido unânime a aceitação destes ícones da arquitetura contemporânea em Pequim, gerando alguma controvérsia entre a população que põe em causa a sua configuração e até questiona a adaptação à cultura local.

Alguns moradores, dos locais onde os edifícios emblemáticos estão implantados, afirmam o seu descontentamento e dizem que as obras são alheias ao *feng shui* da cidade.

No entanto, por efeito de cópia ou assimilação, muitas obras de autores estrangeiros são depois replicadas constituindo "cópias de cópias, *kitsch* proveniente de *kitsh*", o que gera contextos inconsequentes.

O próprio Presidente Xi Jinping, já em 2014, mencionou que o fascínio pela arquitetura produzida e praticada por arquitetos estrangeiros devia acabar. Na frase que então proferiu "*No more weird architecture*" está espelhado o sentimento de que deve ser refreado o instinto vanguardista e em seu lugar a arte "deverá cultivar o gosto e limpar estilos indesejáveis", apelando a uma arte chinesa mais tradicional, patriótica, socialista e nacionalista na sua essência, como referido por Megan Willet, no Business Insider (21-10-2014).

## 5. Autenticidade como futuro

O discurso de Xi Jinping surgiu numa altura em que a arquitetura chinesa parecia estar a tomar um outro rumo e as obras produzidas por arquitetos chineses começavam a ter notoriedade.

Entre os novos arquitetos deve distinguir-se, entre outros, Wang Shu, um arquiteto de Hangzhou que, em 2012, ganhou o Prémio Pritzker de arquitectura com o museu que projetou para a cidade de Ningbo, um dos maiores portos e *hub* industrial na costa Este da China, tornando-se no primeiro arquiteto nascido e a trabalhar na China a receber esta distinção.

Wang Shu na proposta de arquitetura que desenvolveu para a criação de um novo Museu de História optou por trabalhar um *free design*, recriando um sentido vital que respondesse ao ambiente existente, à história e aos costumes locais.

De algum modo recuperou a noção de *sense of place*, um certo “sentido do lugar” que pode ser importante no futuro, conferindo uma autenticidade entendida e partilhada por quem venha a frequentar os novos espaços assim criados.



Figura 10 – History Museum in Ningbo. Arquiteto Wang Shu com Amateur Studio.  
Fonte: <https://arquitecturaviva.com/works/history-museum-in-ningbo#lg=1&slide=0>



Figura 11 – History Museum in Ningbo. Arquiteto Wang Shu com Amateur Studio. Ningbo  
Fonte: <https://www.architectural-review.com/buildings/ningbo-museum-by-pritzker-prize-winner-wang-shu>



Figura 12 – Texturas utilizando as cerâmicas da região.  
Fonte: <https://www.are.na/block/1505524>

## 6. Conclusão

Em conclusão direi que os exemplos que acabei de citar demonstram que há um novo caminho a abrir-se na arquitetura chinesa contemporânea, evidenciando que a interpretação dos locais, a espacialidade criada em conjunto com as múltiplas interferências e conexões geradas, onde o espetador tem um papel a desempenhar na perceção do sítio e da sua mensagem, podem ser a chave para um futuro.

A mensagem tem-se feito ouvir por todo o país e num artigo recente *Towards a sustainable future: local materials and methods in contemporary chinese architecture*, Scarlett Miao aborda esta situação que encontra eco em Pequim (<https://www.archdaily.com/967244/towards-a-sustainable-future-local-materials-and-methods-in-contemporary-chinese-architecture>, consultado em 2022-03-21)

Se durante a Revolução Cultural Chinesa o termo “regional” foi banido da agenda arquitetónica e, desde a década de 1950, foi sinónimo de limitado, local e provincial, emerge agora uma nova geração de arquitetos, que estudaram no exterior, ou exerceram a prática profissional em ateliers internacionais, e que ao aplicar esse conceito o reinventam. Alguns deles, como Wang, dão uma nova ênfase ao local de origem.

“A montanha representa o lugar para o povo chinês encontrar a sua cultura perdida e escondida”, afirma Wang e as pinturas históricas de paisagens chinesas a tinta negra sobre fundo branco parecem apoiar sua tese.

### Referências online:

- <https://www.chinahighlights.com/travelguide/architecture/intro.htm>
- <https://www.dezeen.com/2020/03/04/beautified-china-book-kris-provoost-chinese-architecture-photographs/>
- <https://www.chinadiscovery.com/>
- <https://www.dezeen.com/2007/09/30/national-grand-theatre-in-beijing-by-paul-andreu/>
- <https://www.dezeen.com/2014/11/26/rem-koolhaas-defends-cctv-building-beijing-china-architecture/>
- <https://www.archdaily.com/34302/linked-hybrid-steven-holl-architects>
- <https://arquitecturaviva.com/works/history-museum-in-ningbo#lg=1&slide=0>
- <https://www.architectural-review.com/buildings/ningbo-museum-by-pritzker-prize-winner-wang-shu>
- <https://www.are.na/block/1505524>
- [https://www.archdaily.com/967244/towards-a-sustainable-future-local-materials-and-methods-in-contemporary-chinese-architecture,](https://www.archdaily.com/967244/towards-a-sustainable-future-local-materials-and-methods-in-contemporary-chinese-architecture)